

**A contribuição de Oswaldo Rodrigues da Cunha  
(1928-2011) à História da Ciência**  
The contribution of Oswaldo Rodrigues da Cunha  
(1928-2011) to History of Science

Nelson Sanjad

Museu Paraense Emílio Goeldi. Coordenação de Comunicação e Extensão. Belém, Pará, Brasil

**Resumo:** O texto faz uma descrição e breve análise da obra historiográfica do herpetólogo brasileiro Oswaldo Rodrigues da Cunha (1928-2011), pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi. Apresenta os trabalhos publicados, sobretudo na área de história da ciência, cujos principais objetos de estudo foram a instituição à qual pertencia e os cientistas que viveram na Amazônia. Inclui uma lista com a obra completa de Cunha dedicada ao tema, construída ao longo de quase 50 anos.

**Palavras-chave:** Oswaldo Rodrigues da Cunha. Museu Paraense Emílio Goeldi. História da Ciência.

**Abstract:** The article describes and analyzes the historiographical works of Brazilian Herpetologist Oswaldo Rodrigues da Cunha (1928-2011), researcher of Museu Paraense Emílio Goeldi. It presents his published works, mainly in the field of History of Science, in which he studied the institution he belonged to and the scientists who lived in Amazonia. Cunha's complete works dedicated to the theme, composed along of almost 50 years, are reported in the paper.

**Keywords:** Oswaldo Rodrigues da Cunha. Museu Paraense Emilio Goeldi. History of Science.

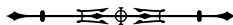
---

Como citar este artigo: SANJAD, Nelson. A contribuição de Oswaldo Rodrigues da Cunha (1928-2011) à História da Ciência. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, n. 1, p. 219-227, jan.-abr. 2011.

Autor para correspondência: Nelson Sanjad. Museu Paraense Emílio Goeldi. Coordenação de Comunicação e Extensão. Av. Magalhães Barata, 376. São Brás. Belém, PA, Brasil. CEP 66040-170 (nsanjad@museu-goeldi.br).

Recebido em 28/03/2011

Aprovado em 30/03/2011



O recente falecimento do herpetólogo Osvaldo Rodrigues da Cunha (1928-2011) (Figura 1), pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi, enseja reflexões sobre seu importante legado como cientista e historiador. Cunha foi o principal responsável pela criação do Setor de Herpetologia do Museu Goeldi, organizando valiosa coleção, estabelecendo um programa de expedições e coletas, atraindo jovens pesquisadores e publicando dezenas de artigos e livros, atualmente considerados pioneiros para o conhecimento da herpetofauna amazônica. Paralelamente, desenvolveu um programa pessoal de pesquisa na área de história da ciência, que teve como objetivo dar visibilidade à trajetória institucional do Museu Goeldi e à obra de cientistas que viveram e trabalharam na região amazônica.

A intenção desse texto é apresentar a obra historiográfica de Cunha, principalmente seus trabalhos na área da história da ciência, à qual se dedicou por quase 50 anos. De início, convém analisar a concepção que o cientista tinha do conceito de 'História'. Acompanhemos o que ele mesmo escreveu na introdução de um de seus textos:

A História não é poesia e nem romance, cuja descrição fica exposta ao sabor das ideias e maquinações de um autor inventivo e prolífico. A História é uma atividade científica que nos dá a conhecer o passado de um povo, de uma nação, de uma cidade, da manifestação humana na ciência, na arte, na música, na religião e na filosofia<sup>1</sup>.

Cunha prossegue lembrando a máxima de Alexis de Tocqueville (1805-1859), historiador do século XIX, segundo a qual não se pode compreender o presente sem conhecer o passado. Em seguida, alerta que, antes de Tocqueville, um zoólogo já havia dito que o conhecimento das formas presentes era necessário para reconstituir as formas de vida remotas, e que o

conhecimento de processos evolutivos ao longo das eras permitia compreender a configuração da paisagem e da diversidade biológica atual. Trata-se das ideias de Georges Cuvier (1769-1832).

Cunha operava, portanto, com conceitos das ciências naturais e os transpunha para o campo historiográfico, como se esse movimento garantisse a cientificidade que buscava no 'fazer história'. O que garantia a precisão e o rigor do trabalho historiográfico era a pesquisa documental, ou seja, a 'reconstituição' dos fatos que somente os documentos permitiam fazer com base segura e isenta. Tal como um paleontólogo, o historiador teria que buscar vestígios para recompor estruturas complexas, no caso, os 'fatos reais' que subsistem no tempo e no espaço social. Vejamos, por exemplo, a ressalva que Cunha fez no mesmo texto:

Faz-se questão de esclarecer que o trabalho presente é fundamentado exclusivamente em fontes documentais ou, em alguns casos, [em fontes orais] merecedoras de confiança. Nada é inventado e nada é premeditadamente acrescentado de má fé para satisfazer gostos ou interesses, seja do autor ou de terceiros. Para isso, buscou-se sempre a base fundamental da pesquisa histórica<sup>2</sup>.

Quando Cunha escreveu esse texto, possivelmente entre as décadas de 1960 e 1970, os historiadores já estavam fazendo, há décadas, uma profunda revisão e uma crítica teórica aos fundamentos da historiografia, que demoliram pressupostos cientificistas elaborados no século XIX e que reorientaram esse campo de conhecimento para a hermenêutica (Certeau, 1982; Rüsen, 2001). Dito de outra maneira, para muitos historiadores contemporâneos, 'fazer história' significa interpretar, isto é, analisar conforme seu próprio ponto de vista, evidentemente dentro de parâmetros metodológicos. Interpretar não os 'fatos reais', conceito que não mais se sustenta, e sim os processos

<sup>1</sup> Manuscrito inédito, sem título e sem data, p. 1. Fundo Osvaldo Rodrigues da Cunha, Arquivo Guilherme de La Penha, Museu Paraense Emílio Goeldi/MCT. Belém, Pará, Brasil.

<sup>2</sup> Manuscrito inédito, sem título e sem data, p. 7. Fundo Osvaldo Rodrigues da Cunha, Arquivo Guilherme de La Penha, Museu Paraense Emílio Goeldi/MCT. Belém, Pará, Brasil.

e as dinâmicas sociais por meio do estudo dos sujeitos históricos, ou seja, dos homens e das mulheres, de suas ideias no tempo e ações na sociedade.

Cunha, contudo, não acompanhou esse tipo de debate – e nem pretendia fazê-lo, pois fazia história como um cientista. Nesse sentido, não era pretensioso e não se arvorou por caminhos senão por aqueles que trilhava com absoluta segurança intelectual. Suas incursões teóricas e suas ressalvas metodológicas têm um sentido que deve ser buscado e compreendido pelos seus leitores: ao longo de sua carreira, Cunha precisou diferenciar sua própria obra dos escritos que a antecederam, falhos em sua opinião por demais fantasiosos ou superficiais. Também precisou se distanciar de memorialistas que poderiam ser facilmente criticados, sendo, ele mesmo, um memorialista. O recurso à cientificidade de seu trabalho historiográfico tinha como finalidade demarcar uma fronteira entre o que havia sido dito até então e o que estava sendo gestado, anunciado pelo próprio Cunha como algo mais confiável e próximo da ‘verdade’.

Oswaldo Cunha nutriu grande admiração por alguns cientistas do passado e trabalhou para dar a devida divulgação a alguns nomes. Chegou a homenagear naturalistas, cientistas e funcionários do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) nas espécies que descreveu, sozinho ou em coautoria, como Emílio Goeldi (*Strombus goeldii* Ferreira & Cunha, 1957), Karl von Kraatz-Koschlau (*Vasum kraatzi* Ferreira & Cunha, 1957), Rodolfo de Siqueira Rodrigues (*Diodora siqueirai* Ferreira & Cunha, 1957), Carlota Joaquina Maury (*Xancus mauryae* Ferreira & Cunha, 1957), Eládio Lima (*Gonatodes eladioi* Nascimento, Cunha & Avila-Pires, 1987), Antonio José Landi (*Colobosaura landii* Cunha, 1977), Antonio Correa de Lacerda (*Mastigodryas bifossatus lacerdai* Cunha & Nascimento, 1978) e Emília Snethlage (*Atractus flammigerus snethlagae* Cunha & Nascimento, 1983). Paralelamente, interessou-se pela pesquisa arquivística e por levantamentos bibliográficos, tentando salvar o que encontrou do antigo Museu Paraense e percorrendo os principais arquivos e bibliotecas do país.

De sua admiração por cientistas precursores, de seu desejo em perpetuar a obra e a memória desses homens e mulheres, de seus estudos e de sua verve apaixonada foram surgindo inúmeros textos de caráter histórico ao longo de sua carreira. É particularmente relevante a produção textual de Cunha em três momentos: nas décadas de 1950 e 1960, quando publicou vários artigos nos jornais de Belém; no início da década de 1970, quando surgiram seus primeiros livros e trabalhos de maior vulto; e na passagem das décadas de 1980 para 1990, quando novamente aparecem escritos relevantes. Vamos analisá-los com mais atenção.

Cunha começou a publicar em jornais no ano de 1954, quando tinha 26 anos. A data coincide com sua nomeação como ‘Naturalista’ do MPEG, em dezembro do ano anterior, depois de passar quase nove anos entre estágios e treinamentos nesse museu e também no Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Entre maio e dezembro, publicou 15 artigos, alguns em vários capítulos. Quase todos versam sobre grandes naturalistas e cientistas, mas há também textos biográficos de Antonio Correa de Lacerda e João Barbosa Rodrigues; uma crônica sobre o Círio de Nazaré na visão de naturalistas viajantes; uma análise sobre as origens da medicina tropical; seu primeiro texto sobre a biblioteca do Museu Paraense, considerada um “templo da ciência”; e uma inusitada “Biografia da Amazônia” em quatro capítulos (ver referências completas listadas ao final do texto).

Os artigos reaparecem somente em 1959, com trabalhos originais, como “O Museu Paraense e a Geologia do Pará”, em três capítulos, e com republicações. Em 1961, surge uma nota biográfica de Walter Egler, diretor da instituição, morto tragicamente durante uma expedição científica ao Amapá. Data de 1965 a série de trabalhos que considero uma das mais importantes em sua obra historiográfica: “O centenário do Museu Paraense Emílio Goeldi”, em dez capítulos publicados semanalmente. Nesses artigos, Cunha reconstitui de maneira inédita as origens da instituição até o final do Império brasileiro,

identificando os principais personagens envolvidos com o nascente museu e detalhando as dificuldades que o impediram de prosperar. Esse texto, além de iluminar o período menos conhecido da história do Museu Paraense, inaugura certo padrão narrativo que iria se repetir em outros trabalhos de Cunha e em todos os outros autores que trataram do assunto, inclusive eu, que muito me utilizei dele em tese de doutorado (Sanjad, 2001, 2010). A partir daí, textos similares vão reaparecer ao longo do tempo, sempre registrando as efemérides do Museu Paraense: o centenário, o 108º aniversário, o sesquicentenário e assim por diante.

O segundo momento perceptível na obra historiográfica de Cunha é o início da década de 1970. Nesses anos, surge, em coautoria com Augusto Meira Filho, uma série de artigos de jornal, em cinco capítulos, intitulada “Landi, esse desconhecido” e dedicada à divulgação de um manuscrito e de desenhos sobre a fauna e a flora amazônica, que ambos atribuíram ao famoso arquiteto bolonhês. Posteriormente, outros autores (Papavero *et al.*, 2002; Mendonça, 2003) retificaram o equívoco de Meira Filho, endossado por Cunha, concluindo ser impossível que Landi fosse o autor de tão toscos desenhos. Ainda em jornal, em 1972, surgiu um pequeno, mas relevante, trabalho descrevendo as pesquisas de Emílio Goeldi sobre a etiologia e a profilaxia da febre amarela. Esse artigo surgiu no contexto do centenário do nascimento de Osvaldo Cruz, lembrado em Belém por meio do lançamento de três livros que celebravam as ações do médico na região, mas que, curiosamente, silenciavam sobre a obra de Goeldi, anterior às viagens e às campanhas profiláticas do pessoal de Manguinhos (Fraiha, 1972; Britto e Cardoso, 1973; Costa, 1973). Em meus estudos, retornei a esse tema e pude aprofundar a análise de Cunha (Sanjad, 2003, 2010).

Nesse período, suas mais importantes contribuições apareceram em livro – o que já demonstra uma mudança na trajetória de sua obra historiográfica. Em 1973, Cunha lançou pelo Conselho Estadual de Cultura, em dois

volumes, a obra completa de Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1888), acompanhada de uma biografia introdutória. Trata-se de uma notável compilação, uma de suas mais importantes contribuições para a história da ciência, que retirou do esquecimento a vida e a obra do primeiro diretor do Museu Paraense. No entanto, ao percorrer a trilha aberta por Cunha, observei que muitos textos de Ferreira Penna ficaram de fora da antologia. Cunha excluiu não apenas a obra ficcional do político mineiro, importante para termos um bom panorama de sua produção intelectual (que não foi apenas científica), como também a correspondência entre Ferreira Penna e o Barão da Villa da Barra, publicada originalmente em jornal e em um opúsculo. Cunha deve ter achado indigna essa agressiva peça de oratória, mas a considero fundamental para entendermos os motivos da demissão de Ferreira Penna, em 1872, e os problemas que o Museu Paraense iria enfrentar posteriormente. Já tive a oportunidade de dar o devido relevo a esses documentos a partir dos originais arquivados em códice do Arquivo Público do Estado do Pará (Sanjad, 2010). Também anexei à tese um texto de Ferreira Penna aparentemente ignorado por Cunha, publicado em jornal em 1869, a partir do qual é possível percebermos o valor que dava para a educação e a admiração que nutria pelos Estados Unidos, país que tomava como modelo de civilização.

No mesmo ano em que lançou a obra de Ferreira Penna, Cunha lançou outro livro, em coautoria com Terezinha Xavier Bastos. “A contribuição do Museu Paraense Emílio Goeldi à meteorologia na Amazônia” tem o mérito, assim como as demais publicações de Cunha, de trazer à luz todo um campo de estudos até então despercebido. Nesse livro, Cunha e Bastos ressaltam o pioneirismo dos dados meteorológicos coletados no Museu Paraense no final do século XIX, os mais antigos da Amazônia, e a obra de Goeldi sobre o assunto, que ainda permanece inexplorada.

Chegamos ao terceiro e último momento da obra historiográfica de Osvaldo Cunha. Nas décadas de 1980

e 1990, é possível perceber mais um deslocamento, desta vez em direção à pesquisa biográfica. Nesse período, Cunha publicou uma série de biografias, iniciando com a de Emílio Goeldi, em 1983, e prosseguindo com a de Emília Snethlage, em 1985, com a de Ernst Lohse e Jacques Huber, em 1988. Também publicou vários textos sobre Ferreira Penna por ocasião do centenário de seu falecimento, no mesmo ano.

Assim como no período anterior, os mais importantes textos saíram em livro. Em 1989, foi lançado “Talento e Atitude: estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi”, com biografias de homens e mulheres cujas vidas foram, de alguma maneira, vinculadas ao Museu Paraense (Figura 2). São, ao todo, 14 textos, alguns dos quais ainda únicos no seu gênero, como a biografia de Carlos Estevão de Oliveira

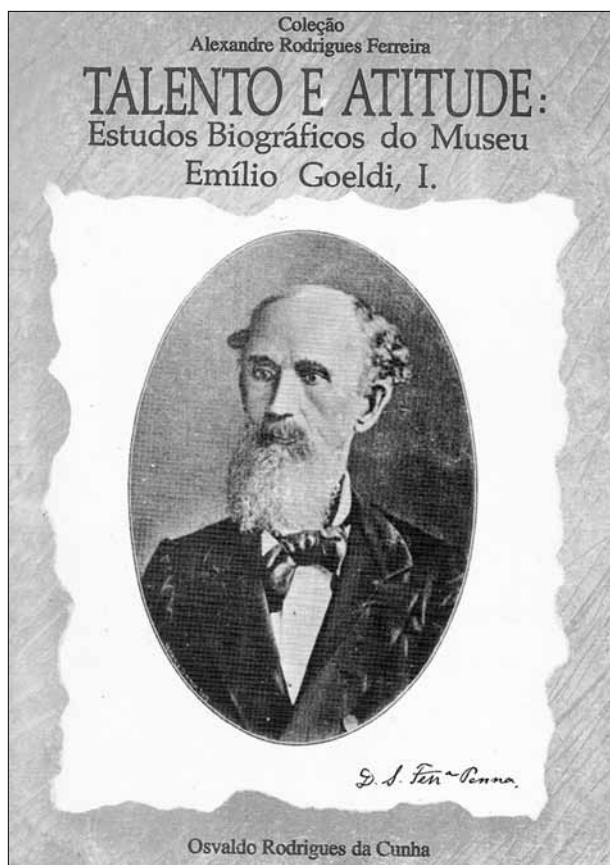


Figura 2. Capa do livro “Talento e Atitude: estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi, I”, publicado por Oswaldo Cunha em 1989.

(1880-1946). As principais publicações de cada um dos cientistas são listadas ao final, fazendo desse singelo livro com título curioso, uma fonte de inestimável valor para a consulta de historiadores e cientistas. Concebido para ter dois volumes, o livro ficou, infelizmente, restrito ao primeiro. Nos papéis de Osvaldo Cunha, doados ao Arquivo Guilherme de La Penha (MPEG), vários manuscritos estão sendo organizados com a intenção de viabilizar a publicação do planejado segundo volume de “Talento e Atitude...”.

Em 1991, Cunha seria convidado para escrever sobre Ferreira Penna, Goeldi e Snethlage no “International Dictionary of Anthropologists”, organizado por Christopher Winters, da Universidade de Michigan. Esse é, certamente, o reconhecimento internacional por quase cinco décadas dedicadas à compilação e divulgação da obra dos cientistas do Museu Paraense. No mesmo ano, Cunha publicou pelo MPEG o livro intitulado “O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. Uma análise comparativa de sua Viagem Filosófica (1783-1793) pela Amazônia e Mato Grosso com a de outros naturalistas posteriores” (Figura 3). Além de breve biografia de Rodrigues Ferreira, Cunha incluiu informações sobre outros naturalistas viajantes que estiveram na Amazônia no século XIX, e ainda mapas com os percursos percorridos por cada um deles. Sua intenção foi comparar o percurso das expedições e demonstrar que a viagem pioneira de Rodrigues Ferreira estabeleceu uma referência geográfica para os que vieram depois, demarcando roteiros e pontos de coleta. Dessa forma, a publicação constitui uma fonte bastante útil sobre o trabalho dos naturalistas viajantes que coletaram os primeiros dados sobre a fauna e a flora da Amazônia.

O último texto publicado por Cunha, que teve a honra de editar, foi uma biografia de Huber, em versão ampliada em relação ao artigo de jornal divulgado em 1988, e que por alguma razão permanecera inédita. O manuscrito desse texto foi encontrado no arquivo de Cunha, em três versões revisadas pelo autor, a partir das quais a redação final pôde ser estabelecida, bem como as ilustrações incluídas e as referências bibliográficas definidas e atualizadas. A versão final saiu em 2009 no “Boletim do

Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas”, agora devidamente valorizada como um dos poucos estudos existentes sobre o botânico e ex-diretor do MPEG.

Muitas outras coisas poderiam ser discutidas sobre a obra historiográfica de Osvaldo Cunha. Entre elas, a validade da periodização da história do Museu Paraense, que construiu em vários de seus escritos. Creio, contudo, que o assunto extrapola os objetivos dessa memória, cabendo aos interessados aprofundá-lo em outra publicação (Sanjad, 2001), na qual analiso criticamente a historiografia do Museu Paraense ao longo do século XX – com especial destaque para a obra de Cunha, um dos pontos de maior qualidade e influência no conjunto de textos analisados.

Para concluir, cabe reconhecer a dedicação com que Osvaldo Rodrigues da Cunha registrou a história

do MPEG. Em uma instituição científica, pesquisadores com esse perfil – atentos e orgulhosos da memória que pulsa em paredes, bibliotecas e arquivos – fazem toda a diferença para a construção de uma identidade que valoriza não apenas índices de produtividade e ‘descobertas’, mas também o trabalho de gerações de cientistas e técnicos que acreditaram no papel da ciência para o desenvolvimento do país. Reconhecer o mérito de Cunha significa manter viva sua obra historiográfica, lendo-a, divulgando-a, estudando-a. O autor merece pelo que ela significa, pela honestidade intelectual e por ser, ainda, o mais importante *corpus* historiográfico sobre uma das mais antigas instituições científicas do país.

## PUBLICAÇÕES DE OSVALDO RODRIGUES DA CUNHA NA ÁREA DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA

CUNHA, O. R. Jacques Huber (1867-1914). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 4, n. 3, p. 489-502, 2009.

CUNHA, O. R. Biografias de Domingos Soares F. Penna, Emílio A. Goeldi e E. Snethlage. In: WINTERS, Christopher (Ed.). **International Dictionary of Anthropologists**. New York: Garland Pub., 1991.

CUNHA, O. R. **O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira**. Uma análise comparativa de sua Viagem Filosófica (1783-1793) pela Amazônia e Mato Grosso com a de outros naturalistas posteriores. Belém: MPEG, 1991.

CUNHA, O. R. **Talento e Atitude: estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi. I**. Belém: MPEG, 1989.

CUNHA, O. R. Dr. Jacques Huber (1867-1914), o grande diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi. Capítulo II. **Diário do Pará**, 4 ago. 1988. Caderno de Cultura.

CUNHA, O. R. Dr. Jacques Huber (1867-1914), o grande diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi. Capítulo I. **Diário do Pará**, 28 jul. 1988. Caderno de Cultura.

CUNHA, O. R. O Museu Paraense Emílio Goeldi. O Diploma outorgado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, Histórico. **Diário do Pará**, 5 maio 1988. Caderno de Cultura, p. B6-B7.

CUNHA, O. R. O criador do Museu Paraense Emílio Goeldi. **O Liberal**, 22 jan. 1988.

CUNHA, O. R. Centenário da morte de Domingos S. Ferreira Penna. **O Liberal**, 10 jan. 1988.

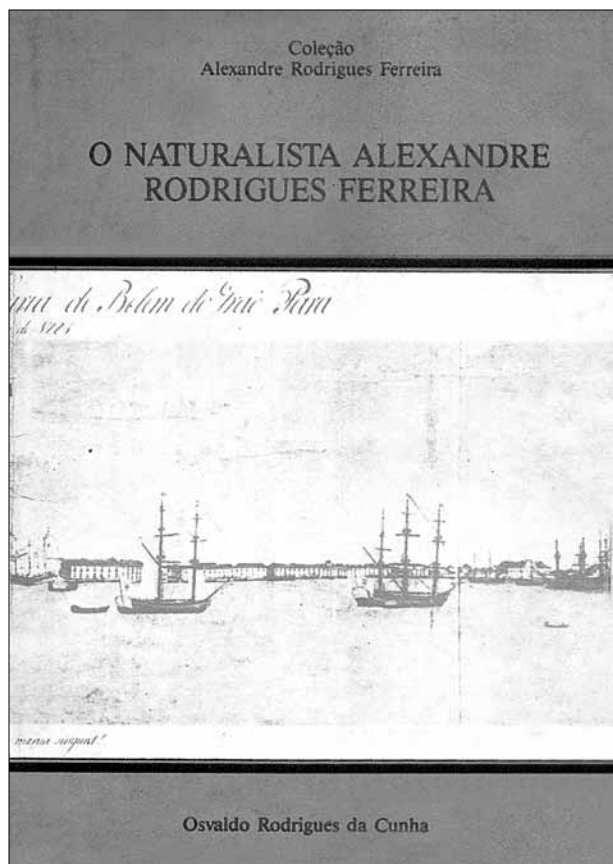
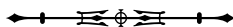


Figura 3. Capa do livro "O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira", publicado por Osvaldo Cunha em 1991.

- CUNHA, O. R. Histórico do Museu Paraense Emílio Goeldi. In: LA PENHA, G. M.; BRUNI, S. A.; PAPAVERO, N. (Eds.). **O Museu Paraense Emílio Goeldi**. São Paulo: Banco Safra, 1986. p. 7-19.
- CUNHA, O. R. Emílio Augusto Goeldi (1859-1917). **O Liberal**, 29 nov. 1986.
- CUNHA, O. R. Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1888). **O Liberal**, 29 set. 1986.
- CUNHA, O. R. O edifício central do Museu (Pavilhão Domingos S. Ferreira Penna, 1879). **O Liberal**, p. 42, 22 set. 1986.
- CUNHA, O. R. Maria Emília Snethlage (1868-1929): a primeira mulher cientista na Amazônia. **O Liberal**, 15 nov. 1985.
- CUNHA, O. R. Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá (1783/1793). Bicentenário da chegada a Belém de Alexandre Rodrigues Ferreira. **O Liberal**, 15 nov. 1984.
- CUNHA, O. R. Emílio Augusto Goeldi (1859-1917). **Ciência e Cultura**, v. 35, n. 12, p. 1965-1972, 1983.
- CUNHA, O. R. Estampas de Antônio José Landi. In: MEIRA FILHO, Augusto (Coord.). **Landi, esse desconhecido (o naturalista)**. Belém: Conselho Federal de Cultura, 1976. p. 193-202.
- CUNHA, O. R. A criação do pirarucu nos lagos do Museu. **O Liberal**, 24 maio 1976.
- CUNHA, O. R. 108º Aniversário do Museu Paraense Emílio Goeldi, síntese de sua história. **Revista de Cultura do Pará**, v. 4, n. 16-17, p. 151-173, 1974.
- CUNHA, O. R. 108º aniversário do Museu Paraense Emílio Goeldi. **O Diário do Congresso Nacional**, Brasília, out. 1974.
- CUNHA, O. R. 108º aniversário do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Correio Brasileiro**, Brasília, 18 out. 1974.
- CUNHA, O. R. 108º aniversário do Museu Paraense Emílio Goeldi. **A Província do Pará**, 13 out. 1974.
- CUNHA, O. R. Domingos Soares Ferreira Penna. Uma análise de sua vida e de sua obra. In: CUNHA, O. R. (Org.). **Obras completas de Domingos Soares Ferreira Penna**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973. v. 1, p. 11-41.
- CUNHA, O. R. O Museu e a febre amarela. **O Liberal**, p. 2, 11 ago. 1972.
- CUNHA, O. R. O Museu Paraense Emílio Goeldi e a atualidade da Amazônia. **A Província do Pará**, 28 e 29 set. 1969.
- CUNHA, O. R. Augusto Montenegro e o Museu Paraense. **A Província do Pará**, 18 jul. 1967.
- CUNHA, O. R. Centenário da abertura do rio Amazonas (1867-1967). **A Província do Pará**, 21 maio 1967.
- CUNHA, O. R. Museu Paraense Emílio Goeldi: um século de História e Ciência, 4. **A Província do Pará**, 6 nov. 1966.
- CUNHA, O. R. Museu Paraense Emílio Goeldi: um século de História e Ciência, 3. **A Província do Pará**, 17 out. 1966.
- CUNHA, O. R. Museu Paraense Emílio Goeldi: um século de História e Ciência, II. **A Província do Pará**, 16 out. 1966.
- CUNHA, O. R. Museu Paraense Emílio Goeldi: um século de História e Ciência, I. **A Província do Pará**, 6 out. 1966.
- CUNHA, O. R. O centenário do Museu Paraense "Emílio Goeldi". **A Província do Pará**, 12 dez. 1965.
- CUNHA, O. R. O centenário do Museu Paraense "Emílio Goeldi", IX. O Museu de 1871 a 1891 (continuação). **A Província do Pará**, 5 dez. 1965.
- CUNHA, O. R. O centenário do Museu Paraense "Emílio Goeldi", VIII. O Museu de 1871 a 1891. **A Província do Pará**, 28 nov. 1965.
- CUNHA, O. R. O centenário do Museu Paraense "Emílio Goeldi", VIII [VII]. O Museu de 1871 a 1891 (continuação). **A Província do Pará**, 21 nov. 1965.
- CUNHA, O. R. O centenário do Museu Paraense "Emílio Goeldi", VI. O Museu de 1871 a 1891 (continuação). **A Província do Pará**, 14 nov. 1965.
- CUNHA, O. R. O centenário do Museu Paraense "Emílio Goeldi", V. Ainda o Museu de 1871 a 1881 [1891]. **A Província do Pará**, 7 nov. 1965.
- CUNHA, O. R. O centenário do Museu Paraense "Emílio Goeldi", IV. O Museu de 1871 a 1891. **A Província do Pará**, 31 out. 1965.
- CUNHA, O. R. O centenário do Museu Paraense "Emílio Goeldi", III. Ainda o Museu de 1866 a 1871. **A Província do Pará**, 24 out. 1965.
- CUNHA, O. R. O Centenário do Museu Paraense "Emílio Goeldi", II. Os fundamentos e evolução histórica. **A Província do Pará**, 20 out. 1965.
- CUNHA, O. R. O Centenário do Museu Paraense, I. As origens. **A Província do Pará**, 17 out. 1965.
- CUNHA, O. R. Esboço biográfico de um cientista - Walter Egler. **A Província do Pará**, 17 set. 1961.
- CUNHA, O. R. Alexandre Von Humboldt e a Amazônia. **A Província do Pará**, 6 mar. 1960.
- CUNHA, O. R. Antônio Corrêa de Lacerda. **A Província do Pará**, 31 jan. 1960.
- CUNHA, O. R. O Museu Paraense e a Geologia do Pará III (Conclusão). **A Província do Pará**, 1 set. 1959.



- CUNHA, O. R. O Museu Paraense e a Geologia do Pará II. **A Província do Pará**, 30 ago. 1959.
- CUNHA, O. R. O Museu Paraense e a Geologia do Pará I. **A Província do Pará**, 28 ago. 1959.
- CUNHA, O. R. João Barbosa Rodrigues. Capítulo III. **O Estado do Pará**, 5 dez. 1954.
- CUNHA, O. R. João Barbosa Rodrigues. Capítulo II. **O Estado do Pará**, 28 nov. 1954.
- CUNHA, O. R. João Barbosa Rodrigues. Capítulo I. **O Estado do Pará**, 21 nov. 1954.
- CUNHA, O. R. Um botânico na Amazônia. **O Estado do Pará**, 7 nov. 1954.
- CUNHA, O. R. A Biblioteca do Museu Paraense. Um templo da Ciência. **O Estado do Pará**, 31 out. 1954.
- CUNHA, O. R. A origem da medicina tropical. Capítulo II. **O Estado do Pará**, p. C-2, 24 out. 1954.
- CUNHA, O. R. A origem da medicina tropical. Capítulo I. **O Estado do Pará**, 19 out. 1954.
- CUNHA, O. R. O desastre de von Martius no rio Amazonas. **O Estado do Pará**, 14 out. 1954.
- CUNHA, O. R. O Círio de Nazaré na opinião de alguns naturalistas. **O Estado do Pará**, 10 out. 1954.
- CUNHA, O. R. Motivos que impediram Humboldt de visitar a Amazônia. **O Estado do Pará**, 26 set. 1954.
- CUNHA, O. R. Biografia de Antônio Corrêa de Lacerda. **O Estado do Pará**, 19 set. 1954.
- CUNHA, O. R. Leonardo da Vinci como naturalista. **O Estado do Pará**, 12 set. 1954.
- CUNHA, O. R. Biografia da Amazônia. Capítulo IV. **O Estado do Pará**, 5 set. 1954.
- CUNHA, O. R. Biografia da Amazônia. Capítulo III. **O Estado do Pará**, 29 ago. 1954.
- CUNHA, O. R. Biografia da Amazônia. Capítulo II. **O Estado do Pará**, 22 ago. 1954.
- CUNHA, O. R. Biografia da Amazônia. Capítulo I. **O Estado do Pará**, 17 ago. 1954.
- CUNHA, O. R. O primeiro naturalista na Amazônia. **O Estado do Pará**, 8 ago. 1954.
- CUNHA, O. R. Lysenko ou Mendel. **O Estado do Pará**, 1 ago. 1954.
- CUNHA, O. R. O fundador da Zoogeografia do Brasil. **A Província do Pará**, 25 jul. 1954.
- CUNHA, O. R. O cientista solitário. **O Estado do Pará**, 13 jun. 1954.
- CUNHA, O. R. Um Rei Naturalista. **A Província do Pará**, 16 maio 1954.
- CUNHA, O. R.; BASTOS, T. X. **A contribuição do Museu Paraense Emílio Goeldi à meteorologia na Amazônia**. Belém: MPEG, 1973.
- CUNHA, O. R.; MEIRA FILHO, A. Landi, esse desconhecido. Capítulo V. **A Província do Pará**, 28 mar. 1971.
- CUNHA, O. R.; MEIRA FILHO, A. Landi, esse desconhecido. Capítulo IV. **A Província do Pará**, 3 jan. 1971.
- CUNHA, O. R.; MEIRA FILHO, A. Landi, esse desconhecido. Capítulo III. **A Província do Pará**, 20 dez. 1970.
- CUNHA, O. R.; MEIRA FILHO, A. Landi, esse desconhecido. Capítulo II. **A Província do Pará**, 20 nov. 1970.
- CUNHA, O. R.; MEIRA FILHO, A. Landi, esse desconhecido. Capítulo I. **A Província do Pará**, 3 out. 1970.
- CUNHA, O. R.; TOLEDO, P. M.; MAURITY, C. W. História da pesquisa geológica no Museu Paraense Emílio Goeldi. In: LOPES, M. M.; FIGUEIRÓA, S. F. M. (Orgs.). **O conhecimento geológico na América Latina: questões de história e teoria**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1990. p. 115-120.
- NOVAES, F. C.; CUNHA, O. R. Área de vertebrados do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Acta Amazonica**, v. 11, n. 1, suplemento, p. 183-188, 1981.

## REFERÊNCIAS

BRITTO, R. S.; CARDOSO, E. **A febre amarela no Pará**. Belém: SUDAM, 1973.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 56-108.

COSTA, C. A. A. **Oswaldo Cruz e a febre amarela no Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973.

FRAIHA, Habib. **Oswaldo Cruz e a febre amarela no Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1972.

MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho. **Antônio José Landi (1713-1791): um artista entre dois continentes**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.





PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D. M.; CAVALCANTE, P. B.; HIGUCHI, H. **Landi: fauna e flora da Amazônia brasileira.** O códice “Descrizione di varie piante, frutti, animali, passeri, pesci, biscie, rasine, e altre simili cose che si ritrovano in questa Capitania del Gran Pará”, de Antonio Giuseppe Landi (ca. 1772). Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica:** os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Ed. UnB, 2001.

SANJAD, Nelson. **A Coruja de Minerva:** o Museu Paraense entre o Império e a República, 1866-1907. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

SANJAD, Nelson. Da ‘abominável profissão de vampiros’: Emílio Goeldi e “Os mosquitos no Pará” (1905). **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 85-111, 2003.

SANJAD, Nelson. Bela Adormecida entre a vigília e o sono: uma leitura da historiografia do Museu Paraense Emílio Goeldi, 1894-2000. In: FAULHABER, Priscila; TOLEDO, Peter Mann de (Orgs.). **Conhecimento e Fronteira:** História da Ciência na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Brasília: Paralelo 15, 2001. p. 113-145.